



A promoção de Saberes experienciais: o papel de um projeto de extensão para a licenciatura

Comunicação

Samma Mascarenhas de Mendonça
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
sammamendonca@gmail.com

Maura Penna
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
maurapenna@gmail.com

Resumo: Esta comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento e aborda o Laboratório de Educação Musical Infantil (LEMI) como espaço para formação de professores na primeira infância dentro da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Tem como objetivo geral compreender como a participação no LEMI influenciou o percurso de formação dos educadores musicais que atuam na cidade de João Pessoa. Como objetivos específicos: Descrever a história do LEMI desde sua criação até os dias atuais; Analisar espaços e percursos de formação e atuação musical dos alunos da licenciatura, antes do seu ingresso no LEMI; Identificar as motivações e expectativas que levaram à escolha de fazer parte do laboratório; Analisar os efeitos da participação no LEMI na formação profissional e pessoal dos professores que passaram pelo laboratório; Identificar a influência do LEMI na metodologia utilizada na prática profissional dos professores que fizeram parte do laboratório em algum momento de suas formações. É uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia de história de vida, neste caso na história de vida musical. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas narrativas com dez sujeitos, sendo essas divididas em duas etapas, que têm o objetivo de se complementar e são articuladas entre si. Nos relatos apareceram questões como a importância da extensão universitária para a formação do professor de educação musical infantil, a aplicação da musicalização infantil nos modelos do laboratório na escola regular de ensino básico, a permanência no LEMI mesmo após a formação no curso de graduação e o acolhimento.

Palavras-chave: Projeto de extensão; Licenciatura em Música; Saberes Docentes

Introdução: o começo da história

Esta comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento e aborda o Laboratório de Educação Musical Infantil (LEMI) como espaço para formação de professores na primeira infância dentro da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. O objetivo geral da pesquisa é compreender como a participação no LEMI



influenciou o percurso de formação dos educadores musicais que atuam na cidade de João Pessoa. Tem ainda, como seus objetivos específicos: Descrever a história do LEMI desde sua criação até os dias atuais; Analisar espaços e percursos de formação e atuação musical dos alunos da licenciatura, antes do seu ingresso no LEMI; Identificar as motivações e expectativas que levaram à escolha de fazer parte do laboratório; Analisar os efeitos da participação no LEMI na formação profissional e pessoal dos professores que passaram pelo laboratório; Identificar a influência do LEMI na metodologia utilizada, hoje, pelos professores que fizeram parte do laboratório em algum momento de suas formações.

A pesquisa procura responder essas questões buscando base teórica nos estudos sobre os saberes docentes e formação profissional, principalmente com base no trabalho de Tardif (2014), que aborda a origem dos saberes intrínsecos e extrínsecos que envolvem o trabalho do professor: saberes de formação profissional, disciplinares, curriculares, experienciais etc.

Na presente comunicação, direcionamos nosso foco para uma breve análise sobre o papel do projeto de extensão realizado pelos alunos de licenciatura em música no LEMI, e a promoção dos saberes experienciais, através da prática exercida dentro do laboratório.

O LEMI foi criado em 2010, como um espaço dentro da UFPB para que os alunos do curso de licenciatura em música pudessem estudar e colocar em prática assuntos ligados à educação musical infantil, mais especificamente, promovendo aulas de musicalização infantil para crianças de 6 meses a 5 anos de idade. Essas aulas, logo de início, eram ministradas pela professora Caroline Brendel Pacheco nas próprias salas do LEMI, na qual os alunos participavam como monitores e anotando suas observações das aulas. As aulas eram ministradas em duplas ou trios e um dos integrantes, necessariamente, deveria ser uma pessoa mais experiente para poder guiar a aula e auxiliar os outros participantes da equipe.

Assim, os alunos do curso de licenciatura em música da UFPB tinham a oportunidade de atuar como bolsistas e voluntários de programas de extensão como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência) e o PROBEX (Programa de Bolsas e Extensão).

De acordo com Broock (2013, p.148) “A extensão universitária pode ser entendida como uma prática acadêmica que conecta a universidade à sociedade, no que diz respeito às atividades de ensino e pesquisa.” Este é um ponto bastante relevante em nossa pesquisa,



cabendo citar, brevemente, que as extensões universitárias voltadas para a educação musical infantil, no Brasil, foram surgindo através de professores universitários como Ilza Joly, Esther Beyer, Ricardo Freire, Beatriz Ilari, Angelita Broock (BROOCK, 2013, p. 149)¹, chegando em João Pessoa com a professora Caroline Pacheco. Broock (2013, p.150) afirma ainda que “Podemos dizer que os projetos e programas extensionistas garantem ao licenciando a oportunidade de experimentar por meio da prática, sendo a extensão o seu laboratório dentro da universidade.”

Após essa breve apresentação sobre o que será abordado nessa comunicação, torna-se necessário a apresentação da nossa metodologia, que estará mais detalhada no próximo tópico.

Metodologia

Nossa questão de pesquisa é: “Como a participação no LEMI/UEPB influenciou o percurso de formação de educadores musicais que atuam em João Pessoa?”. Buscando responder este questionamento, optamos pela pesquisa qualitativa, baseada na metodologia de história de vida, neste caso na história de vida musical. A coleta de dados ocorreu através de entrevistas narrativas com dez sujeitos, sendo essas entrevistas divididas em duas etapas. Essas etapas têm o objetivo de se complementar e são articuladas entre si. Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95) afirmam que:

Conceitualmente, a ideia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.95)

Ainda de acordo com Penna (2021, p.2), “quando trabalhamos com narrativas relacionadas à ‘evocação de eventos pessoais’, não buscamos os fatos em si, mas a maneira subjetiva como foram vivenciados por aquele que narra e incorporados à memória de modo significativo.” Desta maneira, foi elaborada uma pergunta gerativa que foi apresentada aos sujeitos em sua primeira entrevista, para que pudessem relatar livremente suas próprias

¹ Para uma maior discussão sobre música e educação infantil ler Ilari e Broock (2013).



experiências e o que eles julgassem necessário de ser apontado. Apresentamos, aqui, nossa pergunta gerativa:

Por favor, me fale sobre a sua relação com a música em sua trajetória de vida desde antes de você concluir o curso de licenciatura, até os dias atuais. Por que você resolveu fazer o curso de licenciatura em música? Quais foram seus percursos de antes do curso, durante e após este curso? Pode falar de tudo que você achar importante sobre isso, das outras experiências que você teve com a música – qualquer tipo de música – na sua vida em diferentes momentos e ambientes (em casa, na família, com amigos, na igreja, na escola, na universidade etc.). Procure também contar o que sua atuação como professor de música significa para você, e como isso se relaciona com as outras experiências com a música em sua vida, na juventude, na adolescência e na infância. Você não precisa ter pressa e também pode dar detalhes, porque tudo que for importante para você nos interessa.

Cabe salientar que, propositalmente, a questão norteadora não faz referência ao LEMI. O princípio é exatamente o de não induzir, nesta primeira narrativa da história de vida musical, os depoimentos sobre ele, por acreditar que, se a participação no laboratório foi significativa para a formação do professor, ela certamente seria abordada, de modo mais espontâneo e significativo. Assim, após a transcrição² e análise preliminar desta primeira entrevista, era criado o roteiro semiestruturado para a segunda etapa de entrevistas, retomando e pedindo detalhamento de pontos do relato inicial mais diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

Para a seleção dos sujeitos entrevistados foram estabelecidos alguns critérios de escolha: a) Ter passado pelo menos um semestre no LEMI com a professora Caroline Pacheco como coordenadora; b) Ter concluído o curso de Licenciatura em Música pela UFPB; c) Trabalhar com educação musical nos dias de hoje. Os dados foram coletados durante o primeiro semestre deste ano de 2022. Por conta da persistência da pandemia de COVID-19, todas as entrevistas foram realizadas de forma on-line, através das plataformas *Google Meet* ou *Skype*. E, com a autorização dos sujeitos participantes, as entrevistas foram gravadas, para posteriormente serem transcritas.

Participaram da pesquisa três homens e sete mulheres, com datas de conclusão de curso que variam de 2009 a 2022, que atuavam como professores de música, em áreas como

² O critério de transcrição utilizado para as entrevistas foi o de utilizar a ortografia padrão.



a musicalização infantil, ensino do instrumento, aula em escolas regulares e coral infantil. Para um melhor entendimento desses dados coletados, estruturamos um quadro com suas características:

Quadro 1: Perfil dos sujeitos participantes

Entrevistados	Ano de Formação	Área de atuação
Sujeito 1	2009	Musicalização Infantil e Escola Básica
Sujeito 2	2011	Escola Básica
Sujeito 3	2013	Musicalização Infantil e Escola Básica
Sujeito 4	2015	Musicalização Infantil, Instrumento e Coral Infantil
Sujeito 5	2016	Musicalização Infantil
Sujeito 6	2016	Musicalização Infantil e Escola Básica
Sujeito 7	2020	Instrumento
Sujeito 8	2021	Musicalização Infantil
Sujeito 9	2022	Instrumento
Sujeito 10	2022	Musicalização Infantil e Instrumento

Para uma melhor contextualização da pesquisa, acreditamos ser necessária uma breve apresentação sobre o LEMI que discutiremos no tópico a seguir.

O Laboratório de Educação Musical Infantil

Em 2010, foi fundado o LEMI, na UFPB. Este lugar, proposto e estruturado pela professora Caroline Brendel Pacheco, tinha como objetivo principal criar um espaço no qual os alunos do curso de Licenciatura em Música tivessem um ambiente, dentro da universidade,



destinado a leituras e discussões em torno do ensino da música direcionado ao público da primeira infância e, além disso, tivessem a oportunidade de colocar essas questões em prática. As aulas do LEMI eram ofertadas para crianças a partir de seis meses até cinco anos e onze meses.

A Profa. Caroline Pacheco ingressou na UFPB em 2009, e já tinha participado de um projeto de extensão voltado para a musicalização infantil na Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenado pela Profa. Beatriz Ilari. A respeito desse curso, afirmam Madalozzo e Madalozzo:

Atuando na comunidade de Curitiba (PR) entre 2003 e 2010, o curso de extensão foi concebido como um laboratório-escola para a prática dos acadêmicos de licenciatura em música que, na época, não tinham número relevante de opções para estágio em educação musical. (MADALOZZO; MADALOZZO, 2013, p. 169)

O LEMI surgiu com um propósito bastante parecido ao laboratório da UFPR e, na época de sua criação, foi um projeto pioneiro na área de educação musical infantil na cidade de João Pessoa. Com o passar dos anos foram chegando mais alunos ao laboratório e o projeto foi ficando conhecido.

As aulas da musicalização infantil aconteciam aos sábados pela manhã e as reuniões de planejamento e discussões às quartas-feiras, também pela manhã. Todos os estudantes que participavam do laboratório deveriam ter, obrigatoriamente, esses dois turnos disponíveis para essas interações e trocas. As discussões eram feitas coletivamente, às quartas-feiras, no primeiro momento da reunião e, no segundo momento, a equipe se dividia em duplas e/ou trios para estruturar o planejamento para as aulas do sábado. Essa divisão da equipe visava a aprendizagem através dos pares. Como afirma Bezerra (2017, p. 2), “Uma das bases dessa ideia é o processo de aprendizagem que se instaura a partir da interação entre seus atores, entre os professores mais experientes e os professores em formação.”

Logo no início do projeto, as aulas eram ministradas pela Profa. Caroline Pacheco, e os alunos que faziam parte do laboratório tinham a oportunidade de aprender bastante com esses momentos. Cada novo integrante (bolsista ou voluntário) precisava passar seis meses observando as aulas de seus colegas e fazer um relatório ao final do semestre, relatando o que viu, o que achou etc. Após esse tempo de observação, era permitido que o integrante se



juntasse aos seus colegas de equipe e interagisse com os alunos da musicalização infantil. Assim, cada indivíduo ia ganhando, aos poucos, sua autonomia dentro da sala de aula.

Ao final de cada semestre acontecia uma “aula aberta”, que se caracterizava como uma apresentação de final de curso. Porém, a intenção não era parar tudo para se preparar para esse momento. A aula aberta nada mais era do que a apresentação de uma atividade de aula que era escolhida pelos professores de cada turma para ser realizada nesse evento, em um palco. A ideia era mostrar, para as famílias ou familiares que não acompanhavam as aulas de perto, como era a musicalização e, também, um momento de finalização do semestre, no qual todos se encontravam e confraternizavam juntos.

O LEMI teve um impacto muito grande na cidade de João Pessoa por ser pioneiro na área da educação musical infantil. Em 2013 já tinha atendido mais de 500 bebês e crianças, e continuava crescendo. (LEMI, 2013) Tanto que em 2015 realizou sua primeira descentralização, estabelecendo parceria com uma escola pública de ensino especializado em música da cidade, para cujas instalações se deslocou, e, em 2017, realizou uma segunda descentralização, junto a um centro de ensino de artes.

A coordenação do LEMI ficou com a Profa Caroline Pacheco de 2010 até 2017, quando ela se afastou para realizar seu doutorado fora do Brasil. Por conseguinte, o laboratório passou por outras coordenações nos últimos anos, tendo suspenso suas atividades ao final de 2020. Independentemente disso, os cursos de musicalização infantil mantêm sua continuidade nas escolas que realizaram as descentralizações, enquanto o espaço físico do LEMI ainda é utilizado para algumas aulas do curso de Licenciatura em Música da UFPB.

Saberes experienciais na formação docente

Em seu livro “Saberes Docentes e Formação Profissional”, Maurice Tardif (2014) faz vários questionamentos sobre os saberes que os professores adquirem no decorrer de suas vidas, seja no lado pessoal ou profissional. Ele responde a alguns deles e deixa outros para que possamos refletir a respeito, mas salienta a importância de percebermos os professores como seres ativos e participativos de suas profissões. Critica a crença de que o professor é um mero reprodutor de conteúdos criados por outros, os cientistas e pesquisadores. Tardif (2014, p.



54) afirma que o saber docente tem um caráter plural: sendo um “saber formado por diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo.”

Se colocarmos em foco o curso de Licenciatura em Música, podemos pensar sobre os saberes curriculares, que são saberes que o curso vai proporcionar aos seus alunos, futuros professores. De acordo com Tardif (2014, p. 38):

Estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, método) que os professores devem aprender a aplicar. (TARDIF, 2014, p. 38)

O mais interessante sobre os saberes curriculares e das disciplinas, ainda de acordo com Tardif (2014), é que eles não são considerados saberes dos professores, apesar de serem transmitidos por eles. O fato é que estes saberes não são construídos e pensados pelos professores, mas sim pelas instituições escolares, incluídas aí as universidades, que, através de suas disciplinas e matérias, impõem um modelo da cultura erudita. (TARDIF, 2014, p. 40).

Dentre tantos saberes citados, ele destaca que os saberes experienciais surgem das situações vividas pelos professores, situações essas que exigem ações imediatas. Sendo assim, são saberes que não estão em livros nem são ensinados na universidade, mas antes são saberes que derivam da prática docente, das necessidades e/ou demandas que essa prática gera no dia a dia, na vivência das aulas. Os professores aprendem, portanto, a lidar com tais situações no decorrer de suas jornadas como professores/educadores. Essas demandas surgem na medida em que o trabalho do professor envolve interações diárias com seus alunos, com outros professores, diretores e toda a equipe envolvida na instituição que eles trabalham. São, como defende Tardif (2014), saberes práticos:

Pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua



prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação. (TARDIF, 2014, p. 48 e 49)

Sendo o nosso foco abordar a extensão universitária como espaço complementar para a formação docente, faz-se necessário trazer o saber experiencial, já que este é o tipo de saber que mais se destaca dentro do LEMI. Como dito anteriormente, o laboratório proporcionava a prática docente para os alunos da licenciatura em música. Este fato está ligado diretamente ao desenvolvimento dos saberes experiências, pois ali, na sala de aula, junto com as crianças, era o momento de vivenciar situações que não estavam nos livros. Essa vivência com as crianças, a necessidade de fazer a aula acontecer e gerir a turma, ao mesmo tempo, proporcionava aos professores a construção desses saberes.

Na análise apresentada no próximo tópico, procuraremos mostrar como os professores de música que passaram pelo LEMI percebem sua importância na promoção de saberes docentes, deixando clara a importância que a extensão universitária teve na formação desses educadores musicais.

As vivências dentro do LEMI

Desde quando a pesquisa ainda era um projeto, a ideia era entrevistar dez educadores musicais que tivessem passado pelo LEMI e atuassem como professores de música. Inicialmente, procuramos por cinco educadores que não trabalhassem mais com a musicalização infantil e outros cinco que dessem continuidade a essa prática; porém não fazíamos ideia que seria difícil encontrar pessoas que não trabalhassem mais com a musicalização infantil. Ao realizar as entrevistas, percebemos que a maioria dos sujeitos entrevistados, além de aulas do seu próprio instrumento, ainda atuavam na musicalização infantil. Até os professores de música que se encontram apenas em escolas básicas continuavam utilizando rotinas de aulas que aprenderam no LEMI e, dependendo da idade dos alunos, ainda dão aulas de musicalização infantil na educação básica.

Eu trabalho ainda. Eu trabalho... só que na educação básica. Eu trabalho com... do jardim I, que é três/quatro anos até o 5º ano, que é o fundamental I. Com o fundamental inteiro, do 1º ao 5º ano. Jardim um e dois, eu trabalho musicalização. Não é aquele formato de curso de musicalização em escola



especializada, ou assim... Porque é na escola [básica], mas é musicalização com a educação infantil. (S2, E 1, 23 mar 2022) ³

Tudo! A linha de trabalho é igual. A linha de trabalho que eu sigo para as aulas, a preparação de aulas, para estudar um pouco sobre os acontecimentos dentro da escola, a refletir sobre as práticas dentro da escola regular, que é totalmente diferente. Mas a gente vai aprendendo. Aprendendo e moldando... aí é só a gente adaptar. (S6, E 2, 29 abr 2022)

Outro ponto encontrado nas análises das entrevistas, foi a questão da permanência no laboratório quando eram estudantes. Alguns permaneceram mesmo depois de acabar seu tempo como bolsistas e outros nunca receberam bolsas, tendo sempre participado como voluntários. Mesmo tendo que dar conta de outras demandas da vida pessoal – como trabalho e família, além do curso da universidade –, esses alunos faziam questão de permanecer no laboratório pela oportunidade de aprendizado na área da educação musical infantil, que não encontravam em outros espaços do curso.

[...] por isso a importância da extensão... mesmo que eu não estivesse ganhando nada, não é? Porque eu fui voluntária durante todo esse tempo. Foi o lugar que estava tendo experiência porque eu não conseguia encontrar emprego na área enquanto eu fazia a graduação. Aí, no final da minha graduação, eu me lembro que eu saí do LEMI. Eu saí, eu passei um tempo no LEMI, mas eu saí e voltei algumas vezes. [...] Mas aí tipo... eu pedi uma licença, não é? Aí eu disse "Vou sair, mas eu volto, viu?". [...] Eu voltei para o LEMI ainda... eu acho que em 2014. Eu voltei para o LEMI e fiquei até 2015, mas aí entrei no mestrado em 2016 e deixei o LEMI. (S1, E 1, 10 de fev. 2022)

[...] eu fiquei três anos no laboratório sem bolsa. Voluntário! Fazia parte da minha rotina, entendeu? Eu ia de graça. [risos] Não é de graça porque a gente aprendeu demais, entendeu? (S9, E 2, 24 mar. 2022)

Os relatos dos participantes de nossa pesquisa salientam a importância de existir projetos de extensão que criem essas oportunidades para os alunos, principalmente para futuros professores, pois estes precisam da prática docente para vivenciar o aprendizado, exercitar seus saberes experienciais no dia a dia como professor, nas aulas ministradas, nas situações que exigem atitudes concretas e imediatas do professor, e que não vão aparecer em livros e textos. Tais relatos evidenciam, também, que o LEMI se caracterizava não só como um

³ As citações das falas dos participantes da pesquisa estão em *itálico* para que possamos diferenciar das citações de fonte bibliográficas.



laboratório-escola para os estudantes em formação, mas também para a formação continuada dos que lá permaneciam. O Sujeito 1 citou que:

[...] o que complementou essa coisa da concretização dos métodos ativos, por exemplo, foi a minha experiência na extensão, que foi primordial assim... primordial mesmo! Se eu não tivesse feito essa... se eu não tivesse tido essa experiência da minha extensão eu, com certeza, ia ficar... ia sair... a minha formação ia ser incompleta. Assim... não ia ser um problema de expectativa minha não. Ia ser um problema, mas eu entendo a extensão como parte de toda essa vivência acadêmica de formação acadêmica. E essa minha passagem pelo LEMI foi um divisor de águas, para mim. É impossível você comparar a experiência de um estágio com a experiência de uma extensão. Então, no LEMI, foi que eu, de fato, pude experienciar a minha... o meu ser professor. (S1, E 1, 10 de fev. 2022)

Além de reforçar a fala do Sujeito 1, o Sujeito 9 ainda cita que o acolhimento encontrado no laboratório era uma das motivações para permanecer lá. Podemos constatar este ponto em seu relato, quando afirma que:

O acolhimento do LEMI. Não tem como você dizer que é igual a outros laboratórios, a outros projetos de música, não é! Você estuda tanto, se dedica tanto, você é envolvido tanto naquele universo. Porque o que a gente estuda é paralelo ao que a gente estuda na graduação. O tanto que a gente estuda, sabe? Não é... se a gente pensar em carga horária definida, não é equivalente obviamente, mas o tempo ali, Samma, que com certeza as horas que a gente fizer, vão ser equivalentes a uma pós de dois anos. (S9, E 2, 24 mar. 2022)

Cabe salientar que não pretendemos generalizar os resultados coletados na pesquisa. Porém, acreditamos ser válido expor o que foi encontrado nessas entrevistas, pois sinaliza a realidade de uma parcela de educadores musicais que passaram pelo laboratório.

Considerações Finais

Embora nossa pesquisa ainda esteja em andamento e a análise aqui apresentada seja apenas parcial, já é possível reconhecer, nas narrativas dos participantes, a importância que a participação no LEMI teve para sua formação inicial como professores de música. O projeto de extensão de musicalização infantil proporcionou-lhes um espaço para o desenvolvimento de uma prática pedagógica, de um trabalho em equipe – de estudo, planejamento e atuação docente –, além do desenvolvimento de atitudes de compromisso e responsabilidade, todos



saberes experienciais essenciais para a futura atuação profissional em diferentes espaços educativos.

Assim, fica claro que, embora esse projeto de extensão focalizasse a musicalização na primeira infância, ele ensinava muito mais do que isso, na verdade. Ele ajudava, inclusive, a diminuir a distância entre teoria e prática na formação de professores. Apesar de não abarcar a totalidade dos alunos do curso – exatamente por não ter caráter curricular e obrigatório –, ele revela, pelos relatos de vários participantes, as possibilidades de os projetos de extensão, articulando-se ao curso de licenciatura, contribuir para a formação oferecida, ampliando-a e enriquecendo-a.



Referências

BEZERRA, Igor de Tarso Macarajá. Aprendendo a ensinar coletivamente: a aprendizagem colaborativa na Musicalização Infantil da UFPB. *In: Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical ISME, 2017, UFRN. Anais.* Natal, 2017.

BROOCK, Angelita Maria Vander. Crianças na universidade? *In: Música e educação infantil.* Beatriz Ilari; Angelita Broock. (Orgs.) Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 147 – 166.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Martin W. Bauer; George Gaskell (Orgs.); 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 90 – 113.

LEMI, Trabalho de autoria institucional do Laboratório de Educação Musical Infantil, João Pessoa, 2013.

MADALOZZO, Tiago; MADALOZZO, Vivian Agnolo. Planejamento na musicalização infantil. *In: Música e educação infantil..* Beatriz Ilari; Angelita Broock. (Orgs..) Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 167 – 190.

PENNA, Maura. Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical. *In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em música, XXX, 2021, João Pessoa. Anais.* p. 1-12.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional.* 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.